

CRIANÇA₃ *do* LAPEDO

Uma proposta de Viagem

Gonçalo Cadilhe

25
ANOS
Descoberta do Abrigo do Lagar Velho
e da Criança do Lapedo

Autor

Gonçalo Cadilhe

Grupo de Projeto

Gonçalo Cadilhe

António Carvalho (coordenador)

Anabela Graça

João Zilhão

Aurora Carapinha

Paginação

Paulo Fuentez

Impressão

Gráfica Marinhense

Edição

Município de Leiria

Divisão de Museus e Património Cultural

Depósito Legal:

XXXXXXXX



Câmara Municipal de Leiria

www.cm-leiria.pt

Leiria 2023

Nota Introdutória

“Viajante, não entres sem imaginação” avisava a tabuleta à entrada do Museu de Antropologia do Iucatão. Eu era ainda um jovem universitário semi-falido e esses meses pelo México de boleia e mochila às costas, nos finais da década de 80, revelar-se-iam o *big bang* da minha vida de escritor viajante.

Sem saber bem porquê, anotei no meu *cahier de route* a frase da tabuleta e o nome do autor, que a mim na altura nada me dizia: Paul Valéry. Depois de visitar o museu, na lindíssima cidade colonial de Mérida, segui viagem em busca de alguns dos mais imponentes sítios arqueológicos do planeta, as pirâmides e os templos da civilização maia, e em cada nova etapa percebia melhor o sentido da frase - que no início, na entrada do museu, apenas intuía. O prazer era maior, a experiência mais completa, se eu conseguisse abordar estes lugares antigos criando histórias, preenchendo os vazios, vendo mais longe. A fruição dos lugares era mais intensa se a visita tivesse duas dimensões: uma, imediata, de observação física; outra, mais profunda e transcendente, se a imaginação se apoderasse do olhar.

Muitos anos depois, ainda hoje o prazer é maior, a experiência mais completa, quando a imaginação se apodera do nosso olhar.

Para chegar a muitas das ideias aqui presentes nesta proposta, a que metaforicamente vou chamar “proposta de viagem”, passei algumas décadas a olhar o mundo com imaginação. E depois, passei alguns meses a escutar com

atenção muitas opiniões, nomeadamente a do Grupo de Trabalho que assina comigo este “portulano”.

Assim, o texto que aqui apresento traz em si a perspectiva de um viajante que viu muito, ouviu muito e aprendeu a enfrentar desafios com distanciamento e relativismo. A viagem que celebrará os vinte e cinco anos da descoberta da Criança do Lapedo utiliza as ferramentas mais importantes para quem percorre o mundo. São elas o pasmo, a abertura mental, uma energia constantemente renovada e uma mente livre de preconceitos.

Viajante, não entres sem imaginação.

1. PLANO DE VÔO:

de que estamos a falar quando falamos da Criança do Lapedo

2. DESCOLAGEM:

um percurso pedestre sem paralelo a nível mundial.

3. VELOCIDADE DE CRUZEIRO:

um museu de referência e uma candidatura revolucionária
a Património da Humanidade

4. VOAR MAIS ALTO:

Um novo paradigma da identidade nacional

5. CIRCUM-NAVEGAÇÃO:

o ponto de partida é o ponto de chegada



1. PLANO DE VÔO

de que estamos a falar quando falamos da Criança do Lapedo

A palavra *serendipity* é bem conhecida no léxico dos viajantes globais e não é por acaso que é tão adequada ao mundo das viagens. Quando viajamos, se deixarmos fluir os acontecimentos de forma que provoquem outros acontecimentos, acabamos por ter uma viagem muito mais preenchida e feliz do que aquela que originalmente tínhamos planeado. E isso é *serendipity*.

O termo “serendipidade” foi inventado em meados do século XVIII pelo viajante britânico Horace Walpol. Tradução imediata do inglês, descreve interligações casuais de eventos não planeados que conduzem a um novo evento inesperado, feliz, propiciatório, denso de consequências positivas.

Embora a viagem seja um dos campos da atividade humana onde o termo *serendipity* tenha uma das suas aceções mais apropriadas, na realidade é na pesquisa e investigação científica que o conceito de serendipidade é mais utilizado e verificado.

Todo o processo da descoberta da Criança do Lapedo é um extraordinário caso de serendipidade: uma sucessão de acontecimentos não ligados entre si que conduziu a uma descoberta revolucionária que por sua vez nos obrigou a rever e a alterar a ideia que tínhamos de nós próprios - nós, a Humanidade.

A descoberta da Criança do Lapedo, em novembro de 1998, iniciou um processo revolucionário do conhecimento da evolução humana que está longe de ter concluído as suas potencialidades. Ainda continuaremos a falar muito da Criança do Lapedo e do que ela representa. Nós, a Humanidade.

Nunca é demais realçar a característica “revolucionária” do achado. O esqueleto da Criança do Lapedo “era a primeira prova, encontrada até à data, de que populações anatomicamente modernas e populações neandertais não só interagiram como se inter-reproduziram” (João Aguiar, “Lapedo, uma Criança no Vale” ed. Asa, 2006). Esta constatação vinha contrariar e obrigava a rever a opinião prevalente na comunidade científica de que os neandertais tinham sido exterminados pelos cro-magnons.⁽¹⁾

Entre os especialistas em evolução humana, e também entre o grande público, as reações a esta conclusão - exposta pelos arqueólogos João Zilhão, Cidália Duarte e Eric Trinkaus em junho de 1999 num artigo publicado na revista científica norte-americana *Proceedings of the National Academy of Sciences* - foram, na sua maioria, de rejeição. A comunidade científica, durante pelo menos outros dez anos, manteve-se cética quanto à possibilidade de miscigenação entre cro-magnons e neandertais, até que a descodificação do genoma neandertal pelo prémio Nobel de 2022 Svante Pääbo colocou ponto final na questão, dando razão às conclusões efetuadas pela equipe de João Zilhão - vinte e cinco anos antes do reconhecimento da Academia Sueca.

O achado arqueológico da Criança do Lapedo é um momento seminal na grande aventura científica do entendimento da Evolução Humana.

A decorrência dos vinte e cinco anos do evento permite-nos planear uma viagem com diferentes níveis de ambição para celebrarmos tanta serendipidade em tão pouca geografia!

2. DESCOLAGEM: um percurso pedestre sem paralelo a nível mundial

2.1. Twyfelfontein, Namíbia

Viajemos por uns instantes a uma zona inóspita e remota da África Austral, um vale escondido entre os planaltos desolados da região de Damaraland, no norte da Namíbia. Durante os últimos seis mil anos os bosquímanos usaram este vale como um lugar de regresso e de veneração. Não é difícil perceber porquê, quando lá chegamos. Não acredito em lugares mágicos, mas se existem, este é um deles. Uma das vertentes que fecha o vale está preenchida com as mais extraordinárias manifestações artísticas do povo Khoi-san, como hoje é mais correto designar os bosquímanos. Na vertente, dezenas de gravuras rupestres apresentam animais e figuras antropomórficas - entre elas o célebre Homem-Leão, provavelmente um *shaman* - de uma tal finura e eficácia de traço que poderiam pertencer a um artista da vanguarda parisiense dos anos vinte.

Estes testemunhos não são fáceis de alcançar, os visitantes têm de se registar no centro de acolhimento e depois caminhar, sob o sol inclemente da Namíbia, por uns vinte minutos até ao primeiro conjunto de gravuras. Depois ainda, o trilho sobe pelas pedras soltas e irregulares da falésia permitindo com alguma dificuldade a aproximação a outros três grupos de gravuras, regressando depois ao fundo do vale e por fim ao centro de acolhimento. No total, estamos

duas horas a caminhar. Chegam turistas de todo o mundo para conhecer as gravuras de Twyfelfontein, e ninguém coloca o problema de ter de caminhar duas horas ao sol.

Em viagem, sentimo-nos disponíveis para sairmos da nossa zona de conforto e ir ao encontro da sacralidade dos lugares, mesmo quando não a entendemos. Esta é uma lição válida para outros lugares do mundo. Para terminar a nossa viagem, à Namíbia, falta só dizer que as gravuras de Twyfelfontein são Património da Humanidade.

2.2 Pedestrianismo e Evolução

Não é uma novidade para ninguém que o interesse do público em geral pela pré-história e pelas origens do ser humano esteja, a um nível planetário, em máximos inauditos.

Basta pensar no sucesso mundial do best-seller “Sapiens – história Breve da Humanidade”, do escritor Yuval N. Harari, e na quantidade de títulos com ensaios semelhantes que foram publicados recentemente. Entre eles destacam-se “The Neanderthals Rediscovered” dos autores Dimitra Papagiani e Michael Morse; ainda “A Vida contada por um Sapiens a um Neandertal”, de Millàs e Arsuaga; e o mais recente “O Homem de Neandertal - Em Busca dos Genomas Perdidos” cujo autor, o cientista Svante Pääbo, seria precisamente agraciado com o prémio nobel da Medicina no ano passado, em outubro de 2022, pelo seu trabalho na sequenciação do genoma dos neandertais. Estes livros tiveram vendas astronómicas globais.

Da mesma forma que o interesse pelas origens da Humanidade alcança uma larga faixa da sociedade, também o interesse pelas atividades de *outdoors*, concretamente o pedestrianismo ou *trekking* - ou, se preferirmos um termo

mais prosaico, a prática de “caminhadas” na Natureza - é hoje bastante comum entre a população portuguesa, acompanhando um *trend* que se afirma há várias décadas no Ocidente.

Só se pode tratar, portanto, de mais um caso de serendipidade - ou pelo menos uma coincidência de bom auspício - para as ambições desta proposta de viagem que a localização da sepultura se encontre numa paisagem natural apelativa e pouco adulterada.

E onde está a serendipidade nisso? No seu *timing*. Quem se lembraria há vinte cinco anos de associar a importância da Criança do Lapedo com a possibilidade de tornar o lugar do seu sepultamento um trilho pedestre celebrativo?

Assim, a sugestão inicial desta proposta de viagem - um simples primeiro passo, um primeiro momento de descolagem - é esta: implementar um percurso pedestre que celebre esses dois acontecimentos extraordinários da Pré-História e da História recente de Portugal, separados por 29.000 anos e ligados por um extraordinário caso de serendipidade. Caminhemos, pois.

2.3 Caminhar em direção a si próprio

Caminhar pela Natureza é uma das poucas atividades que nos permite uma experiência em duas dimensões simultâneas - a dimensão do espaço; e a dimensão do tempo. Quando caminhamos, não usufruímos apenas da relação física com o ambiente que nos rodeia; regressamos atrás nos milénios ao momento em que adotámos a posição bípede e iniciámos a nossa aventura de reconhecimento e ocupação do planeta. O trilho foi o primeiro sinal claro de uma vontade dos hominídeos de marcar um território, regressar a ele e eventualmente conquistá-lo. E ainda hoje, ao percorrermos um trilho no meio

de um ambiente natural, recuperamos do fundo de uma memória genética a serena euforia dos nossos distantes antepassados quando ganhavam afinidade com o território e superavam a fragilidade inaugural da nossa espécie.

Caminhar nos bosques, só por si, tem já essa capacidade de nos reportar a um tempo em que éramos menos sofisticados, menos urbanos, mais essenciais, mais simples. Mas se o trilho que nos é proposto está particularmente desenhado para solicitar uma reflexão sobre as nossas origens, a nossa evolução e a nossa identidade, então creio que podemos acrescentar uma terceira dimensão à experiência física e temporal acima descritas: a dimensão metafísica.

Caminhar no vale do Lapedo oferece esta rara combinação.

2.4. Espiritualidade em caminho

Alguns percursos de trekking espalhados pelo mundo são considerados “espirituais” e possuem um carácter mítico dentro do turismo de caminhada. O mais celebrado é o “Caminho de Santiago”, cuja áurea mística impressiona mesmo os que o percorrem sem qualquer motivação religiosa; outro épico da espiritualidade em caminho é o circuito do monte Kailash, no Tibete, a 5 mil metros de altitude, considerado sagrado para os budistas. Ambos os percursos demoram vários dias a ser completados.

Mas o exemplo que eu conheço com mais semelhanças ao nosso caso é o “Tongariro Crossing”, na Nova Zelândia. Com 17 quilómetros, o trilho atravessa três vulcões por entre uma paisagem de fábula que foi inclusivamente utilizada no filme “O Senhor dos Anéis”. Este percurso insere-se num parque nacional, o “Tongariro National Park”, cuja principal razão de existir é a de proteger e manter em estado selvagem um território sagrado para os Maori. O

trilho demora um dia a ser percorrido e como é óbvio não requer uma postura penitente - há alegria, assombro e confraternização entre os caminhantes durante a sua travessia. Mas é um lugar sagrado, e nós, quando o percorremos, sentimos e respeitamos essa carga espiritual.

Recordo ainda outro exemplo já em território nacional: a floresta Laurissilva da Madeira, também ela Património da Humanidade, tem uma zona de percursos pedestres catalogada como “reserva de repouso e silêncio”. Uma ideia, esta do silêncio, de que falarei mais adiante.

2.5. Rota do Vale do Lapedo, um novo paradigma possível

A beleza bucólica do vale do Lapedo é uma anomalia preciosa num território com uma alta densidade populacional, cruzado por vias rápidas e autoestradas e decididamente industrializado. Ou seja, por oposição e contraste, a região circundante realça ainda mais a qualidade onírica do vale. É fácil comunicar aos adeptos da caminhada a noção de pisarem um território especial, carregado de simbolismos.

Estando a parte mais sensível do vale protegida pelas categorias de Património Natural; também Monumento Nacional (Abrigo do Lagar Velho); e Zona Especial de Proteção (área limítrofe ao Abrigo) eu diria que estamos no bom caminho para conseguir tornar a visita do vale uma experiência de caminhada irrepetível a nível internacional.

Depois de ter visitado em diferentes ocasiões o vale do Lapedo, senti claramente que havia uma indefinição quanto aos objetivos para o território. Por um lado, pretende-se oferecer ao público em geral um espaço de fruição, um lugar de lazer com inclusivamente a existência de um parque de merendas; por outro, a rota pretende evocar os eventos extraordinários que o vale

testemunhou - e que são dois: a pequena tragédia remota que se abateu sobre uma criança algures há 29.000 anos; e a descoberta do seu esqueleto há 25 anos.

Embora estes dois objetivos não sejam antagónicos, também não são propriamente compatíveis. A nuance está no paradoxo da ideia de uma celebração.

Celebrar o vale do Lapedo significa não o celebrar.

Celebrar o vale do Lapedo, isto é muito claro para mim, significa preservar a sua serena atmosfera. Quanto mais delicada e respeitadora for a nossa intervenção, mais perto estaremos de alcançar os objetivos desta viagem: *less is more!*

Faz todo o sentido a existência de uma Rota do Vale do Lapedo. Um percurso pedestre informado, regulado, discreto e não invasivo é a forma correta de celebrar os eventos ligados à Criança do Lapedo.

Claro que a Rota do Vale do Lapedo já existe. Falta assumir a sua singularidade. A Rota do vale do Lapedo não pode ser mais um dos tantos trilhos de pedestrianismo que nos últimos anos, acompanhando a importância crescente do turismo de caminhada, surgiram no território nacional.

A Rota do Vale do Lapedo pode tornar-se um caso único de diferenciação entre os percursos pedestres internacionais. A rota tem carisma. Tem uma razão de ser. Tem um estatuto. Tem uma história única. Tem por isso potencial para ser um paradigma a nível mundial de uma abordagem respeitosa por parte dos praticantes de trekking a um território com uma carga espiritual reconhecida.

Os percursos pedestres com carga espiritual estão entre os mais procurados pelos caminhantes. E o vale do Lapedo tem todos os ingredientes para ser um deles.

2.6. La Grande Chartreuse, Alpes Franceses

Façamos uma segunda viagem, antes de passarmos às sugestões concretas para tornar a Rota do Vale do Lapedo num novo paradigma.

Esta segunda viagem leva-nos a um cantinho pouco visitado dos Alpes Franceses. À medida que eu ia conduzindo o carro alugado pelo Parc Naturel Regional de Chartreuse, percebia que me aproximava de um desses becos sem saída do planeta: não apenas pela paisagem alpina cada vez mais fechada e intimidante entre as grandes falésias verticais de calcário; mas porque estava a chegar à casa mãe da ordem dos Cartuxos, o mosteiro da Grande Chartreuse. Fundado em 1084 por São Bruno, o mosteiro não é visitável: nele vivem vários monges em absoluta reclusão e qualquer contacto entre eles e as pessoas do mundo exterior está severamente proibido. Mas há um museu, que visitei; e um percurso pedestre evocativo, nas colinas à volta do mosteiro, que fui explorar. No percurso, ia encontrando regularmente o sinal de trânsito mais surreal da minha vida: um monge cartuxo de perfil, com o dedo indicador em frente da boca. A mensagem era fácil e óbvia: zona de silêncio. O sinal de trânsito estava no meio dos bosques e não era para os automóveis. Era para nós, os caminhantes.

2.7. Um percurso pedestre sem paralelo a nível mundial

É certo que já existe um percurso pedestre no vale. Chama-se Rota do Vale do Lapedo (RVL), e muito bem. Portanto, não teremos de o inventar. Mas está muito aquém do seu potencial: quer quanto à dimensão do percurso; quer quanto à solenidade que deve transmitir.

A única forma de associar o achado arqueológico da Criança do Lapedo à Rota do Vale do Lapedo é garantir um ambiente de introspeção e tranquilidade

durante a caminhada, e sensibilizar o caminhante para que adote uma atitude respeitosa pela sacralidade do vale.

Eis as minhas sugestões para fazer da Rota do Vale do Lapedo um paradigma a nível mundial de percursos pedestres com dimensão espiritual.

2.7.a) O traçado do percurso encontra-se ainda neste momento prudentemente arredado do lugar da sepultura da criança, o Abrigo do Lagar Velho. É compreensível a decisão de se ter mantido até agora um véu de recato sobre um espaço tão denso de simbolismos e também tão fragilizado. Mas o trilho deve assumir esta etapa. Para tal, o Abrigo do Lagar Velho deve ser intervencionado de modo a oferecer a dignidade devida a um dos lugares mais significativos do património cultural português. Assim, é absolutamente prioritário:

- Encontrar uma alternativa funcional e esteticamente agradável à atual chapa de zinco que lhe serve de telhado.
- Resolver, através de soluções de engenharia civil e geológica, os problemas de instabilidade da falésia, que se encontra ameaçada de derrocadas parciais.
- Garantir monitorização e vigilância eficaz do espaço contra visitas não autorizadas e eventuais atos de vandalismo.
- Proteger o espaço com estruturas adequadas de vedação.
- Assegurar a gestão e fruição pública do Abrigo do Lagar Velho através da aquisição, permuta ou expropriação do mesmo.

2.7.b) O Abrigo do Lagar Velho ao tornar-se uma etapa central do trilho, deve constituir uma pausa de reflexão, uma experiência definidora da própria caminhada. A inclusão desta etapa será conseguida através de estruturas não invasivas de acesso ao Abrigo do Lagar Velho. Este lugar, no entanto, deve manter quer um sistema de controlo de entradas, quer uma faixa horária de abertura bem definida, e outras medidas, que evitem a banalização do seu acesso.

2.7.b1) Estando cumpridos os objetivos da intervenção arqueológica que na jazida tem vindo a ser realizada nos últimos anos, não é previsível que venha a ser necessário, ou justificável, voltar a realizar trabalhos arqueológicos no sítio durante pelos menos as próximas duas ou três décadas. O abrigo pode, portanto, ser "musealizado", nomeadamente através do enchimento das valas de escavação e estabilização do pavimento, e da colocação de informação de forma a elucidar o visitante da cenografia do espaço em contexto arqueológico.⁽²⁾

2.7. c) Em contracorrente com a atual tendência de preencher a paisagem com passadiços, miradouros, pontes suspensas e baloiços, a intervenção correta no trilho - se queremos um ambiente de introspeção e de respeito pela sugestão de sacralidade do vale - deve ser minimalista. O piso do bosque manter-se-á piso do bosque, e a estrada asfaltada continuará como existe agora. O trânsito automóvel deve ser definitivamente proibido (exceto no caso do acesso dos moradores à própria residência). A sinalética deve ser discreta. O material de leitura, informativo e meditativo, deve estar colocado com parcimónia e espaçamento ao longo do percurso. Os textos serão incisivos, inspiradores, essenciais. Pode-se considerar a alternativa de oferecer todo o material de leitura em folhetos e em QR code, evitando-se assim a sinalética informativa ao longo do trilho.

2.7.d) A acessibilidade inclusiva deve cingir-se ao estritamente necessário para permitir alcançar o Abrigo do Lagar Velho, recorrendo à estrada já existente e à estrutura a implementar no Abrigo propriamente dita, referida nos pontos anteriores. A existência de veículos elétricos disponíveis no centro de interpretação, mediante reserva atempada, veículos esses apetrechados para o efeito de transporte adaptado e com impacto visual e sonoro extremamente reduzido, é uma medida a considerar.

2.7.e) Naturalmente, uma vez que tal possibilidade é viável e já está assumida no atual trilha, a circularidade do percurso deve ser mantida. Deverá ter início e término no centro de interpretação.

2.7.f) Para conseguir uma atmosfera transcendental durante a caminhada, é óbvio que teremos de preservar o ambiente arcaico e natural do vale. Isso obrigará a algumas medidas pouco populares, certamente mal compreendidas no início, mas cujo efeito final será largamente gratificante. Assim

- O atual Parque de Merendas deve ser redimensionado ou mesmo deslocalizado, e deixará de existir o atual espaço de estacionamento de automóveis que, de qualquer modo, deixarão de ter acesso ao vale.
- Deve ser desencorajada a organização formal de grupos de caminhada, concentrações de visitantes e outros eventos que excedam a frágil capacidade de carga do vale.
- Embora o percurso pedestre deva prescindir do ruído visual consequente de sinalética desnecessária, no entanto sugiro a colocação em pontos estratégicos de pequenos cartazes com a indicação de adoção de uma conduta apropriada à solenidade do vale.

2.7.g) A Rota do Vale do Lapedo necessita de uma dimensão maior. Não se trata de aumentar a sua capacidade ou distância, mas sim de exponenciar as sinergias óbvias com outras realidades paisagísticas nas imediações. Para quem visita a região com o intuito de praticar trekking, será importante saber que pode associar a Rota do Vale do Lapedo a outros percursos que apresentam continuidades geomorfológicas, ambientais e arqueológicas, nomeadamente o vale da Ribeira das Chitas e a Mata da Curvachia, assim como o vale da Ribeira dos Murtórios e Ribeira dos Frades. É importante conseguir percursos circulares em cada uma destas propostas de caminhada, de maneira a facilitar a logística dos deslocamentos entre cada vale aos praticantes que planeiam por conta própria a visita da região.

Sugiro a criação de uma rede de percursos sob o “umbrella” Vale do Lapedo, por exemplo “Percursos Pedestres do Parque Arqueológico do Vale do Lapedo”. Assim, a experiência conjunta torna-se bastante mais aliciante em termos de distância total percorrida, de variedade paisagística e de desafio geral.

2.7.h) Por fim, precisaremos de implementar uma campanha continuada de sensibilização a nível nacional - em sintonia com as celebrações do achamento da sepultura da Criança do Lapedo - para o modo correto de entender e usufruir este espaço. O visitante já deverá sentir-se sugestionado pela forte carga simbólica do vale do Lapedo muito antes de decidir sequer que vai caminhar nele. E esse é o grande objetivo do ponto 4 da nossa proposta de viagem.

2.8. Um novo centro de interpretação

O atual “centro de interpretação” não está adequado à importância e à carga simbólica do vale e de tudo o que nele aconteceu. Pela escassez de informação, pela apresentação dos conteúdos e pelo espaço (provisório) que ocupa - dois contentores expositivos, e um terceiro para funções de WC.

A possibilidade de transferir o centro para o edifício designado por “Moinho”, em Santa Eufémia, propriedade da União de Freguesias de Boa Vista e Santa Eufémia, parece-me fazer todo o sentido.

Este espaço tem outra dignidade, possui uma área ampla para estacionamento, está localizado num ponto ideal para iniciar a caminhada e permite conteúdos informativos mais desenvolvidos

No entanto, nas ambições desta proposta de viagem, este espaço não substitui a ideia de um museu onde, aí sim, serão devidamente explorados os conteúdos científicos e pedagógicos do vale do Lapedo.

Assim, chamo a atenção para não confundir a função do Centro de Interpretação do vale do Lapedo com a missão de um museu da Criança do Lapedo (veremos no ponto 3 da nossa viagem esta questão).

O Centro de Interpretação do vale do Lapedo terá como missão o acolhimento do caminhante, onde serão propostas uma primeira apresentação do significado do próprio trilho e uma sugestão de abordagem à experiência do caminho nas três dimensões atrás referidas: física, temporal e metafísica.

O Centro de Interpretação terá também a função de informar e sensibilizar o caminhante - de uma forma sucinta, básica, acessível e expedita - das narrativas que o vale encerra.

Quais são essas narrativas?

2.8.a) A mais imediata, a mais óbvia, é a narrativa de uma paisagem que conduz a uma época da História do planeta Terra onde as marcas deixadas pela presença humana eram irrisórias - entre outras o trilho, a gravura rupestre, a sepultura (precisamente) e pouco mais; assim, o canhão cársico que hoje o caminhante se prepara para conhecer será um livro aberto sobre a própria origem das várias classificações disciplinares em que se insere: hidrográfica, geomorfológica, biológica e arqueológica.

2.8.b) O segundo nível de narrativa é certamente o mais delicado, o mais central a toda esta proposta de viagem, é o de sensibilizar o caminhante para a pequena grande tragédia que o vale do Lapedo testemunhou há 29.000 anos.

2.8.c) Com o achado da Criança do Lapedo fomos obrigados a repensar a evolução humana. O Centro de Interpretação terá como terceiro nível de narrativa informar da importância deste achado e contextualizar as informações que permitiu com o que sabemos hoje da relação entre neandertais e cro-magnons.

2.8.d) Por fim, o Centro de Interpretação terá uma quarta narrativa ligada à divulgação da disciplina da arqueologia e uma celebração da figura e do trabalho do arqueólogo.

2.7.e) Qualquer outra proposta de narrativa para a visita do vale, nomeadamente referências à Idade Média, aos moinhos, etc... não tem qualquer relevância, cria ruído à narrativa central e é excedentária.

O Centro de Interpretação não deverá ter outras funções. Todas as atividades de cunho cultural, didático ou performativo (conferências, palestras, exposições temporárias, oficinas pedagógicas, espetáculos, etc...) deverão ser reencaminhados para a cidade de Leiria, mantendo o vale do Lapedo na atmosfera recatada, bucólica e fora dos holofotes, que acredito ser a que melhor “serve” a sua transcendência.



3. VELOCIDADE DE CRUZEIRO

um museu de referência e uma candidatura revolucionária a Património da Humanidade

3.1. Viajar é comparar

Não faltam exemplos de como um achado arqueológico inesperado permitiu colocar cidades periféricas e pouco conhecidas no centro das atenções do mundo. A consequente exposição do material descoberto em museus das próprias cidades estabeleceu novos destinos turísticos, com a consequente criação de riqueza, emprego e autoestima na região beneficiária da exposição do acervo reunido.

Vamos de novo viajar, desta vez por algumas pequenas cidades que se tornaram etapas bem celebradas do turismo cultural.

3.1.a) Bolzano não será a primeira cidade que nos vem à mente quando pensamos num destino cultural italiano. De facto, esta pequena cidade no extremo norte da Itália era até há pouco tempo mais conhecida pelas pistas de ski e pelos vinhos brancos. Mas a descoberta de Otzi, a múmia congelada encontrada em 1991 no glaciar de Similaum, nos Alpes italianos do Tirol, com as suas indumentárias, sandálias e equipamento de montanha de 5000 anos atrás ainda intactas, mudaram a vocação turística de Bolzano. Em 1998 era inaugurado o Museu Arqueológico, destinado especificamente a albergar este

homem do gelo, numa câmara frigorífica com a temperatura e a humidade perfeita para a sua conservação, e visível através de uma pequena janela. As outras salas do museu mostram-nos como era a vida na região há 5000 anos, na época em que Otzi viveu. Quando visitei o museu, não estava muito seguro de querer ver a múmia, mas o ambiente de pudor cultural é tão bem incutido na sequência de salas que cheguei à escotilha de observação do Otzi com a sensação de prestar homenagem a um extraordinário embaixador do neolítico. Comigo, outros 6 milhões de visitantes prestaram a mesma homenagem desde a inauguração do museu.

3.1. b) Quando cheguei a Chiclayo, não pisava uma cidade há já algum tempo. Nas semanas anteriores subira o rio Amazonas saltando de balsa em balsa, navegando o Brasil, a Colômbia e por fim o Peru. No porto de Yurimaguas encontrei finalmente uma estrada que permitisse sair da Amazônia, cruzar os Andes e alcançar a costa do Pacífico. Não hesitei, já bastava de balsas, de mosquitos, de rio. Depois de cruzar os Andes a estrada terminava em Chiclayo e a minha alegria por regressar a um centro urbano era desproporcional, muito maior do que a pequena dimensão de Chiclayo, que se encontra a 700 quilómetros a norte de Lima. Na altura, estávamos em 2003, sabia-se muito pouco dos lugares e as notícias corriam devagar. Poucos meses antes fora inaugurado em Chiclayo um museu para acolher o túmulo real do Senhor de Sipan, uma das mais extraordinárias descobertas arqueológicas do século XX. Mas eu não sabia nada disto. Todo o material escavado ficou depositado no lugar onde foi encontrado, precisamente em Chiclayo. Em 2003 fui parar à cidadezinha por um mero acaso. Hoje não deixaria de incluir Chiclayo numa viagem à nação andina. Em 2003 estive sozinho no recém-inaugurado Museo de las Tumbas Reales de Sipan. Em 2022 este foi o museu mais visitado no Perú.

3.1. c) Pensamos em territórios inóspitos e ainda fora do controlo de um estado central e em que pensamos? No Afeganistão? Na Somália? Quando eu vivia no norte de Itália na década de noventa, recordo-me que para os italianos esses

territórios encontravam-se no próprio país, a sul, nas montanhas do Aspromonte, na Calábria. Hoje, a cidade mais importante da região é uma meta cultural entre as preferidas pelos italianos. E o museu de Reggio Calabria, no sopé das montanhas do Aspromonte, explica muito dessa mudança de perceção. Os turistas “descem” à Calábria para conhecer as mundialmente famosas estátuas do século V a.C., os chamados “bronzes de Riace”, encontradas no fundo do mar ao largo da praia de Riace, em 1972, e hoje expostas no Museu Arqueológico de Reggio Calabria. Só no ano de 2019 o museu somou o extraordinário total de 200.000 visitantes.

3.1.d) A viagem mais perto para nós, portugueses, e aquela que mais se aproxima do ponto que quero ilustrar, encontra-se no Museu da Evolução Humana de Burgos. Aqui, os restos fósseis da serra de Atapuerca, perto da cidade, entre eles o chamado “crânio de Miguelon”, um dos mais antigos vestígios hominídeos encontrados na Europa, estão agora conservados no museu, inaugurado em 2010 precisamente para reunir os achados de Atapuerca. O museu conseguiu 414 mil visitantes em 2019.

Poderia escrever um livro só com as viagens que fiz e os destinos que privilegiei precisamente para ir ao encontro deste binómio: achado arqueológico em museu localizado. Quem sabe se um dia não irei escrever esse livro? E quem sabe se um dos capítulos não será ambientado em Leiria?

3.2. Porquê um museu da Criança do Lapedo?

No início do século XX os exploradores começaram a olhar para o Evereste como o último grande marco geográfico ainda por conquistar. O Pólo Sul tinha sido conquistado em 1911 e o Pólo Norte em 1926. A mais célebre das tentativas falhadas de alcançar o cume do Everest - que seria por fim conquistado em 1953 por Edmund Hillary e Tenzing Norgay - decorreu em

1924 com o desaparecimento de George Mallory e Andrew Irvine. Antes da sua malograda tentativa, Mallory foi questionado por um jornalista por que razão queria assim tanto conquistar o Evereste. A resposta de Mallory, simples e pragmática, ficaria para a História: “Because it's there”. Porque está ali. Porque existe.

Embora pareça quase anedótica, a resposta daria para uma tese de filosofia sobre as motivações humanas. A razão por que devemos pensar seriamente em criar o Museu da Criança do Lapedo é só essa. Because it's not there. Porque não existe.

De facto, a pergunta não é “porquê um museu da Criança do Lapedo”, mas sim “Como é possível que ainda não exista o museu?” Dada a importância simbólica e seminal do achamento da Criança do Lapedo, não são necessárias explicações a justificar esse museu.

3.3 Um regresso português

Para qualquer português menos atento às questões delicadas e também controversas que rodeiam este Tesouro Nacional, será um dado adquirido que algures, em algum museu em Portugal, estará exposto o material encontrado na sepultura, incluindo os restos fossilizados da própria criança.

Na realidade, a palavra técnica para designar o lugar onde se encontram os artefactos e o esqueleto é “depósito”, ou seja, o achado está “em depósito” no Museu Nacional de Arqueologia.

Merecíamos mais.

Merecíamos o museu. Em Leiria. O regresso a casa dessa pequena grande

viagem pela Eternidade que a Criança do Lapedo tem vindo a efetuar.

O Município de Leiria está neste momento em fase de negociação para a aquisição do antigo seminário, adjacente ao Museu de Leiria.

Parece que voltamos a pensar em serendipidade. Será este o lugar ideal para o novo museu? Não é preciso viajar muito para entender o potencial deste cluster museológico.

Embora por enquanto a função pensada para o seminário seja a de albergar um espólio de arte sacra, pergunto-me quantos turistas atrairia esse museu de arte sacra à cidade de Leiria? Alguns. Em confronto, a capacidade de um museu da Criança do Lapedo atrair visitantes - não só a Leiria, mas a Portugal - será, como diria um qualquer comentador desportivo, 10 a zero.

Leiria tem a possibilidade de passar a estar no mapa global do turismo cultural com um museu que acolha o regresso da Criança do Lapedo à sua casa.

3.4 Que tipo de museu?

Expor o esqueleto da Criança do Lapedo, assim como os artefactos da sua sepultura, coloca dois tipos de questões:

- A garantia da preservação do material arqueológico em condições ideais de segurança, temperatura, humidade, etc...
- A forma de apresentar ao público a história da Criança do Lapedo.

Quanto à primeira questão: a criação de um museu apetrechado para receber o espólio do Abrigo do Lagar Velho passa por um grande projeto com inúmeros

estudos técnicos e científicos cujos detalhes não estão dentro da competência deste documento. Importa apenas sublinhar que o Museu Nacional de Arqueologia não levantará objeções a “devolver” a Criança do Lapedo a Leiria, se as condições de integridade do material arqueológico estiverem garantidas na nova instituição, que deverá ter os meios técnicos e humanos adequados, para cumprir o ideal que norteia o espírito da proposta.

Quanto à questão mais delicada de expor o esqueleto, a figuração que nos é apresentada da sua reconstituição é tão estilizada e minimal que não me parece tétrico nem sensível expor o esqueleto.

Importante, isso sim, é a partir do que a arqueologia recuperou, podermos oferecer ao público uma criança viva, alegre, contextualizada na sua época. A minha ideia não é certamente a de erguer um mausoléu a um menino defunto, mas celebrar a vida que os nossos antepassados levavam nesta pátria comum - numa época, porém, tão remota que a maioria dos seus descendentes, ou seja, nós, hoje, nem conseguimos imaginar que vida seria essa. *Et voilà* a missão, a razão de ser do museu: uma apresentação de Portugal e dos portugueses na idade do gelo.

Eis o terceiro nível de ambição desta proposta de viagem: um museu que investiga uma comunidade portuguesa de há 30.000 anos, desde as grandes linhas da sua existência - a alimentação, o clima, os rituais, etc... - até ao zoom sobre a pequena tragédia de um dos filhos dessa comunidade, uma criança que ao ser resgatada pela Arqueologia revelará ao mundo a existência de miscigenação continuada e bem-sucedida entre neandertais e cro-magnons.

Termino apenas com uma sugestão para quem vier a desenhar o museu: integrar no percurso museológico uma vitrina sobre o *working space* dos técnicos do museu, em que o visitante poderá testemunhar o trabalho de arqueologia e de investigação a decorrer à sua frente. Não é inocente esta

sugestão: é precisamente através do trabalho do arqueólogo que nos é permitido o acesso ao passado dessa comunidade. Graças à arqueologia, podemos estender a nossa ancestralidade até aos tempos da Criança do Lapedo. Só assim a visita do museu estará completa.

3.5. Uma candidatura revolucionária

Agora que percebemos a importância da Criança do Lapedo na nossa consciência coletiva, e a intuição visionária que a sua descoberta permitiu a Zilhão e Trinkaus sobre o destino final, e feliz, dos neandertais, não me parece despropositado avançar com uma candidatura a Património da Humanidade do esqueleto da Criança do Lapedo. Tanto quanto sei, não existe um caso semelhante na lista da Unesco, será uma tentativa arriscada de classificação. Mas comecemos por aí mesmo, por uma tentativa. Um Tesouro Nacional tem credenciais adequadas para integrar a Lista Indicativa. E logo veremos até onde pode chegar. Mas os valores de diversidade cultural e biológica que a Criança do Lapedo representa nunca foram tão definidores da nossa ideia de Humanidade como agora. E tão necessários.



4. Voar Mais Alto

4.1 Bamyan, Afeganistão

A última viagem que faremos por hoje leva-nos às terras inóspitas da Ásia Central. A um não-país chamada Afeganistão. Em 2004 pareceu-me que estavam reunidas as condições para atravessar aquela que era na altura a mais demonizada nação do mundo. Eu andava a viajar há várias semanas pelo subcontinente indiano e seguia com interesse as notícias sobre a evolução da ocupação americana. As notícias eram boas. Os americanos proclamavam a vitória sobre os talibãs e a pacificação do país. Eu estava na Índia e queria chegar ao Irão. E a estrada mais rápida era a que atravessava o Afeganistão. Confiante nas notícias, tomei essa estrada. As notícias, afinal, não contavam a verdade. Mas só vim a sabê-lo depois, já no Afeganistão.

Uma coisa que precisamos de compreender é que o Afeganistão não é um país, é o que sobra dos vários países que chegaram às suas fronteiras e não quiseram continuar. Os persas pararam a oeste, os turcomanos a norte, os chineses a nordeste e os indianos a sudeste. O Afeganistão é uma espécie de buraco negro na geografia planetária. Cada vale dentro do Afeganistão é uma realidade própria. A lição mais importante da minha travessia foi-me dada pelos habitantes de Bamyan, a cidadezinha onde se erguiam, imponentes e colossais,

as estátuas dos budas homónimos.

Quando os budas foram destruídos em 2001, acreditei, como muitos outros ocidentais, que os talibãs quisessem dar uma bofetada à Unesco e à nossa visão multicultural e histórica do mundo. Na realidade, a mais forte bofetada foi dada aos *hazara*, os habitantes de Bamyian. Os talibãs são maioritariamente *pashtun*, olham na direção do Paquistão; os *hazara* são turcomanos, olham na direção da Ásia central. Ambos são fundamentalistas islâmicos, analfabetos, retrógrados, iconoclastas e, se quisermos, ambos são afegãos. Mas odeiam-se entre eles.

A destruição dos budas de Bamyian foi sobretudo uma humilhação perpetrada pelos *pashtun* aos *hazara*. E também, já agora, à Unesco e a nós todos. O que me pareceu incompreensível é que os fundamentalistas, retrógrados, iconoclastas *hazara* sentissem os budas e o budismo como parte da sua herança cultural. Provavelmente não o saberiam explicar, muito menos justificar. Mas sentiam.

Essa foi a grande lição que aprendi em Bamyian. A nossa identidade não é o que hoje no presente gostaríamos que ela fosse. A nossa identidade é o que o passado fez dela. A identidade não se idealiza, conserva-se.

4.2. Somos antigos, muito antigos

A pertinência da efeméride do achado da Criança do Lapedo, para mim, vai muito para lá da possibilidade de tornar o vale onde ela foi sepultada um lugar de conhecimento e fruição. Também ultrapassa a proposta de inaugurar um museu em Leiria que atraia público de todo o mundo e, eventualmente, a possibilidade de um dia se conseguir classificar o esqueleto como Património da Humanidade.

Naturalmente o que vou dizer a seguir é fruto de um envolvimento pessoal progressivo nessa pequena grande tragédia que aconteceu há trinta mil anos. Esse envolvimento terá começado durante a caminhada que efetuei pelo centro de Portugal no verão de 2018 e que deu origem ao meu livro “Por Este Reino Acima”.

Numa das páginas do livro, ao atravessar o rio Nabão em Ansião, utilizo uma ponte que ali está desde os tempos dos romanos. Escrevo: “O que esta ponte simboliza é o contributo de Roma para a formação da nossa identidade nacional. Mas antes da ponte já estava o rio. E antes da estrada romana existia já o vale onde ela se implantou. Através da ponte e da estrada romana veio a invasão bárbara que por sua vez foi subjugada pela onda islâmica. Mas antes de todos eles, observados pelo rio e pelo vale, seres humanos ou quase humanos, tribos ibéricas, trogloditas neolíticos, e mesmo neandertais passaram por aqui. Não para chegar a um outro lugar, mas para circular dentro de um território que consideravam o seu. Eram também eles portugueses? Sim, claro. Com outros nomes que atribuíam a si próprios, mas eram o sangue o nosso sangue, eram os nossos antepassados.”

A partir desta primeira consideração sobre a antiguidade dos portugueses, sigo para um par de páginas onde abordo a questão da Criança do Lapedo na perspetiva da dor dos pais, das lágrimas da mãe, sugerindo que essa é a mais evidente continuidade na História de Portugal: o desespero das mães pelos filhos que partiram antes delas.

O envolvimento com esta pequena tragédia retomaria uma nova intensidade com o convite de escrever este documento. Regressemos, portanto, ao início desta página e à pertinência da efeméride dos vinte cinco anos da descoberta da Criança do Lapedo. O que nós estamos a comemorar não é um esqueleto, não é uma criança morta, é uma família que nos ensina a olhar para nós próprios, seus descendentes, muito para lá da fronteira temporal que o cânone determina

para a nossa identidade. Somos parte de um território, de um percurso no tempo, de uma permanência que vai muito para lá dos visigodos e de Viriato e dos Celtiberos e que atravessa os milénios.

O extraordinário valor simbólico da Criança do Lapedo reside na possibilidade de nós darmos um nome, uma atribuição, uma identidade a uma família portuguesa de há 30 mil anos.

E ao contrário de Viriato, que se opôs à romanização e combateu o encontro entre povos e culturas, a Criança do Lapedo é fruto da maior miscigenação na Evolução humana: o encontro entre neandertais e cro-magnons.

Recordo-vos a lição que aprendi em Bamyian: a nossa identidade é o que o passado fez dela. Eu não avançava apenas com um museu e uma candidatura à Unesco - eu reescrevia todos os livros e manuais escolares sobre a História de Portugal.

5. CIRCUM-NAVEGAÇÃO:
o ponto de partida é o ponto de chegada

Esta viagem é circular, como uma circum-navegação: o ponto de partida é também o ponto de chegada. O vale do Lapedo só poderá ser um lugar espiritual se nós o considerarmos como tal. Para isso, precisamos de promover a Criança do Lapedo como um dos mais antigos e significativos símbolos da nossa identidade nacional. Ao fazê-lo, começamos a atribuir um valor patrimonial ao vale do Lapedo e a senti-lo como um lugar espiritual. Se o sentirmos assim, iremos caminhar nele com o respeito e o assombro que ele merece. O círculo fecha-se. A nossa viagem termina aqui.

FIM

Um texto de Gonçalo Cadilhe,
em colaboração com
Aurora Carapinha
João Zilhão
Antnio Carvalho

NOTAS

⁽¹⁾ A utilização ao longo do texto da designação “Cro-magnon” e não aquela  qual nos habituámos em vários textos sobre a Criança do Lapedo, ou seja, a de sapiens, no contexto da miscigenação entre as duas sub-espécies, vem da sugestão de João Zilhão de evitar a contraposição de neandertais versus sapiens - um pressuposto (a ser revisto) de que os neandertais não eram sapiens.

⁽²⁾ A sugestão veiculada no ponto 2.7. b1), que pressupõe uma grande autoridade cientifica para tal afirmação, é da autoria de João Zilhão.